

MISERICORDIAE VULTUS



PAPA FRANCISCO
ROMA 11 DE ABRIL DE 2015

Jesus Cristo é o rosto
da misericórdia do Pai.

Tal misericórdia tornou-se viva, visível
e atingiu o seu clímax em Jesus de Nazaré.
O Pai, « rico em misericórdia » (*Ef 2,4*).

**Com a sua palavra, os seus gestos e toda a
sua pessoa, Jesus de Nazaré revela a
misericórdia de Deus.**

Precisamos sempre contemplar o mistério da misericórdia. É fonte de alegria, serenidade e paz. É condição da nossa salvação.

Misericórdia: é o caminho que une Deus e o homem, porque nos abre o coração à esperança de sermos amados para sempre, apesar da limitação do nosso pecado.

O *Jubileu Extraordinário da Misericórdia* é um tempo favorável para a Igreja.

O Ano Santo abrir-se-á no dia 8 de Dezembro de 2015, solenidade da Imaculada Conceição.

A misericórdia será sempre maior do que qualquer pecado. Ninguém pode colocar um limite ao amor de Deus que perdoa.

Escolhi a data de 8 de Dezembro, porque é cheia de significado na história recente da Igreja. Com efeito, abrirei a Porta Santa no cinqüentenário da conclusão do Concílio Ecumênico Vaticano I.



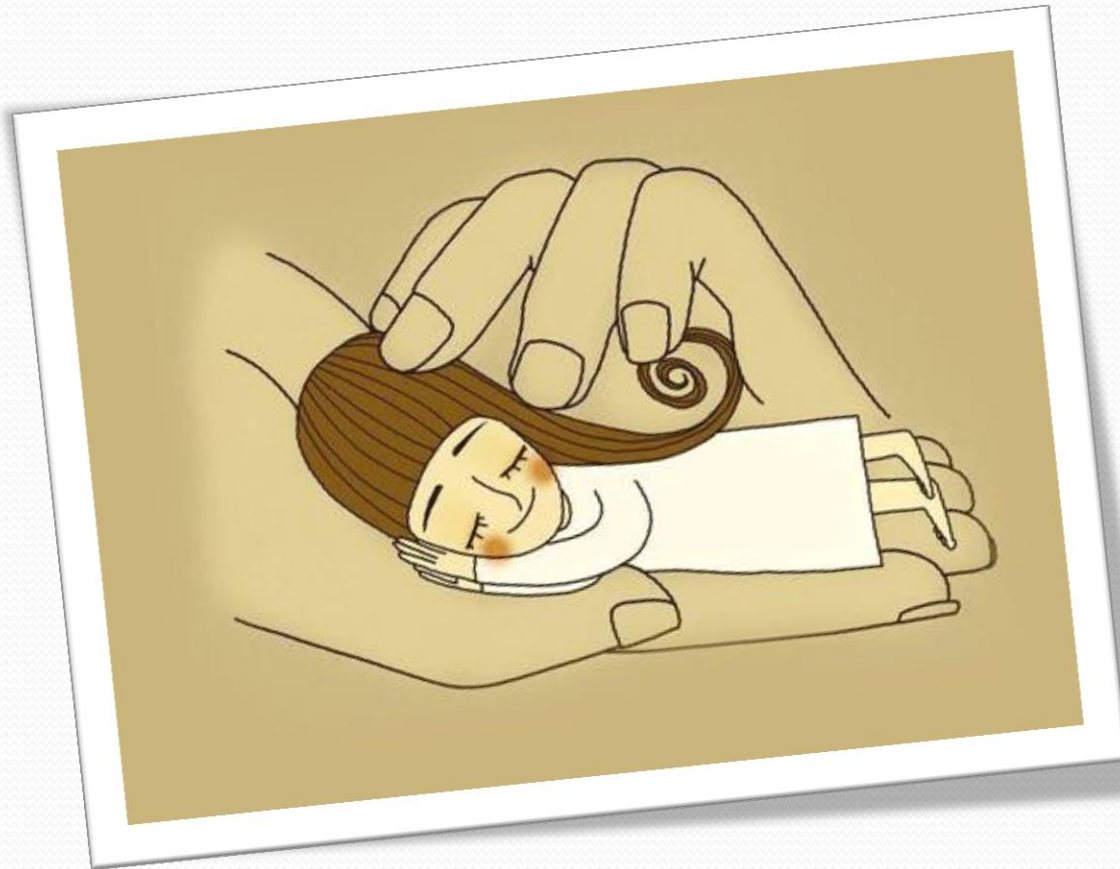
Voltam à mente aquelas palavras, cheias de significado, que São João XXIII pronunciou na abertura do Concílio para indicar a senda a seguir:

“Nos nossos dias, a Esposa de Cristo prefere usar mais o remédio da misericórdia que o da severidade”.

O Ano Jubilar terminará
na solenidade litúrgica de Jesus Cristo,
Rei do Universo, 20 de Novembro de 2016.
Naquele dia, ao fechar a Porta Santa,
animar-nos-ão, antes de tudo, sentimentos
de gratidão e agradecimento à Santíssima
Trindade por nos ter concedido
este tempo extraordinário de graça.

“É próprio de Deus usar de misericórdia e, nisto, se manifesta de modo especial a sua onipotência”.

Estas palavras de São Tomás de Aquino mostram como a misericórdia divina não seja, de modo algum, um sinal de fraqueza, mas antes a qualidade da onipotência de Deus.



Paciente e misericordioso
é o binômio que aparece, frequentemente, no Antigo Testamento para descrever a natureza de Deus.

**A misericórdia de Deus
não é uma ideia abstrata
mas uma realidade concreta,**
pela qual Ele revela o seu amor
como o de um pai e de uma mãe
que se comovem pelo próprio filho
até ao mais íntimo das suas vísceras.



**A
misericórdia
torna a
história de
Deus com
Israel uma
história da
salvação.**

Com o olhar fixo em Jesus e no seu rosto misericordioso, podemos individuar o amor da Santíssima Trindade.

Vendo que a multidão de pessoas que o seguia estava cansada e abatida, Jesus sentiu, no fundo do coração, uma intensa compaixão por elas (cf. *Mt 9,36*).

Nas parábolas dedicadas à misericórdia, Jesus revela a natureza de Deus como a de um Pai que nunca se dá por vencido enquanto não tiver dissolvido o pecado e superada a recusa com a compaixão e a misericórdia.

Conhecemos estas parábolas:
as da ovelha extraviada e da moeda perdida, e a do pai com os seus dois filhos
(cf. Lc 15,1-32).

Interpelado pela pergunta de Pedro sobre quantas vezes fosse necessário perdoar, Jesus respondeu:

«Não te digo até sete vezes, mas até setenta vezes sete» (Mt18,22)

e contou a parábola do servo sem compaixão.



Na Sagrada
Escritura,
como se vê,
a misericórdia é
a palavra-
chave
para indicar o
agir de Deus
para conosco.

A arquitrave que suporta a vida da Igreja é a misericórdia.

Toda a sua ação pastoral deveria estar envolvida pela ternura com que se dirige aos crentes;

no anúncio e testemunho que oferece ao mundo, nada pode ser desprovido de misericórdia.



A credibilidade da Igreja passa pela estrada do amor misericordioso e compassivo.

Não podemos esquecer o grande ensinamento que ofereceu

São João Paulo II

com a sua segunda encíclica,

Dives in misericordia,

que então surgiu inesperada, suscitando a surpresa de muitos pelo tema que era abordado.

A Igreja tem a missão de anunciar a misericórdia de Deus, coração pulsante do Evangelho, que por meio dela deve chegar ao coração e à mente de cada pessoa.

A Esposa de Cristo assume o comportamento do Filho de Deus, que vai ao encontro de todos sem excluir ninguém.

A primeira verdade da Igreja é o amor de Cristo.

E, deste amor que vai até ao perdão e ao dom de si mesmo, a Igreja faz-se serva e mediadora junto dos homens.

Por isso, onde a Igreja estiver presente, aí deve ser evidente a misericórdia do Pai.



Queremos viver este Ano Jubilar à luz desta
palavra do Senhor:

Misericordiosos como o Pai.

Portanto, para ser capazes de misericórdia,
devemos primeiro pôr-nos
à escuta da Palavra de Deus.

A peregrinação é um sinal peculiar no Ano Santo, enquanto ícone do caminho que cada pessoa realiza na sua existência. A vida é uma peregrinação e o ser humano é *viator*, um peregrino que percorre uma estrada até à meta desejada.



O Senhor Jesus indica as etapas da peregrinação através das quais é possível atingir esta meta:

**“Não julgueis e não sereis julgados; não condeneis e não sereis condenados; perdoai e sereis perdoados. Dai e ser-vos-á dado: uma boa medida, cheia, recalcada, transbordante será lançada no vosso regaço. A medida que usardes com os outros será usada convosco “
(Lc 6,37-38).**

Neste Ano Santo, poderemos fazer a experiência de abrir o coração àqueles que vivem nas mais variadas **periferias existenciais**. Quantas situações de precariedade e sofrimento presentes no mundo atual.

Neste Jubileu, a Igreja sentir-se-á chamada ainda mais a cuidar destas feridas, aliviá-las com o óleo da consolação, enfaixá-las com a misericórdia e tratá-las com a solidariedade e atenção devidas.



As obras de misericórdia corporal: dar de comer aos famintos, dar de beber aos sedentos, vestir os nus, acolher os peregrinos, dar assistência aos enfermos, visitar os presos, enterrar os mortos.

As obras de misericórdia espiritual: aconselhar os indecisos, ensinar os ignorantes, admoestar os pecadores, consolar os aflitos, perdoar as ofensas, suportar com paciência as pessoas molestas, rezar a Deus pelos vivos e defuntos.



Enterrar
os mortos



Dar de comer
ao faminto

Obras de Misericórdia Corporais



Visitar os
presos



Dar de beber
ao sedento



Dar pousada
ao peregrino



Visitar o enfermo



Vestir o
desnudo

Ensinar os que não sabem



Rezar pelos vivos e pelos mortos



Obras de Misericórdia Espirituais



Suportar com paciência as fraquezas dos outros



Dar bons conselhos aos que necessitam



Corrigir os que erram



Perdoar as injustiças



Aliviar o sofrimento dos aflitos

“O espírito do Senhor Deus está sobre mim, porque o Senhor me ungiu: enviou-me para levar a boa-nova aos que sofrem, para curar os desesperados, para anunciar a libertação aos exilados e a liberdade aos prisioneiros; para proclamar um ano de misericórdia do Senhor” (61,1-2).

Um ano de misericórdia: isto é o que o Senhor anuncia e que nós desejamos viver.

*A Quaresma deste Ano Jubilar
seja vivida mais intensamente
como tempo forte
para celebrar e
experimentar a misericórdia de Deus.*



As páginas do profeta Isaías poderão ser meditadas, de forma mais concreta, neste tempo de oração, jejum e caridade.

“O jejum que me agrada é este: libertar os que foram presos injustamente, livrá-los do jugo que levam às costas, pôr em liberdade os oprimidos, quebrar toda a espécie de opressão, repartir o teu pão com os esfomeados, dar abrigo aos infelizes sem casa, atender e vestir os nus e não desprezar o teu irmão” ... (58, 6-11).

A iniciativa
24 horas para o Senhor,
que será celebrada na sexta-feira e no
sábado, anteriores ao IV Domingo da
Quaresma,
deve ser incrementada nas dioceses.

Não me cansarei jamais de insistir
com os **confessores**
para que sejam um verdadeiro
sinal da misericórdia do Pai.

Ser confessor não se improvisa.

Tornamo-nos tal quando começamos, nós
mesmos, por nos fazer penitentes em busca
do perdão.

Nunca esqueçamos que
ser confessor significa
participar da mesma missão de Jesus
e ser sinal concreto da continuidade
de um amor divino que perdoa e salva.



Na Quaresma deste Ano Santo, é minha intenção enviar os **Missionários da Misericórdia**. Serão um sinal da solicitude materna da Igreja pelo povo de Deus, para que entre em profundidade na riqueza deste mistério

tão fundamental para a fé.

Serão sacerdotes a quem darei autoridade de perdoar mesmo os pecados reservados à Sé Apostólica, para que se torne evidente a amplitude do seu mandato.

Missionários da Misericórdia



Peço aos irmãos bispos que convidem e acolham estes Missionários, para que sejam, antes de tudo, pregadores convincentes da misericórdia. Organizem-se, nas dioceses, **missões populares**, de modo que estes Missionários sejam anunciadores da alegria do perdão. **Seja-lhes pedido que celebrem o sacramento da Reconciliação para o povo**, para que o tempo de graça, concedido neste Ano Jubilar, permita a tantos filhos afastados encontrar de novo o caminho para a casa paterna.

Que a palavra do perdão possa chegar a todos

e o chamado para experimentar a misericórdia não deixe ninguém indiferente.

O meu convite à conversão dirige-se, com insistência ainda maior, àquelas pessoas que estão longe da graça de Deus pela sua conduta de vida.

O mesmo convite
chegue também às pessoas fautoras
ou cúmplices de **corrupção**.

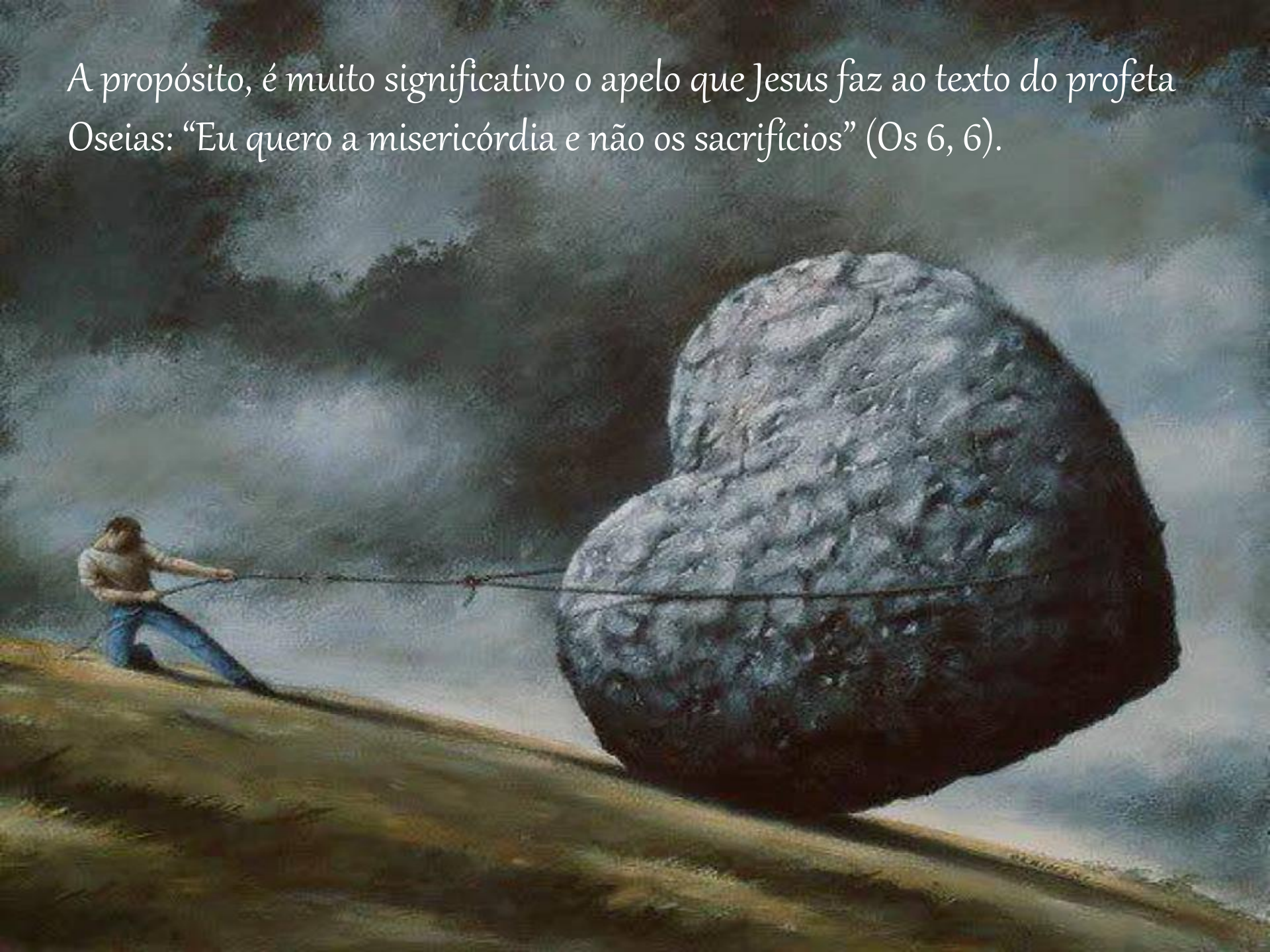
Esta praga putrefata da sociedade
é um pecado grave que brada aos céus,
porque mina as próprias bases
da vida pessoal e social.

*Este é o momento favorável
para mudar de vida!
Este é o tempo de se deixar tocar o coração.*



Neste contexto, não será inútil recordar a relação entre ***justiça e misericórdia***. **Não são dois aspectos em contraste entre si,** mas duas dimensões duma única realidade que se desenvolve gradualmente até atingir o seu clímax na plenitude do amor.

A propósito, é muito significativo o apelo que Jesus faz ao texto do profeta Oseias: “Eu quero a misericórdia e não os sacrifícios” (Os 6, 6).



Jesus afirma que, a partir de agora, a regra de vida dos seus discípulos deverá ser aquela que prevê o primado da misericórdia, como Ele mesmo dá testemunho partilhando a refeição com os pecadores.

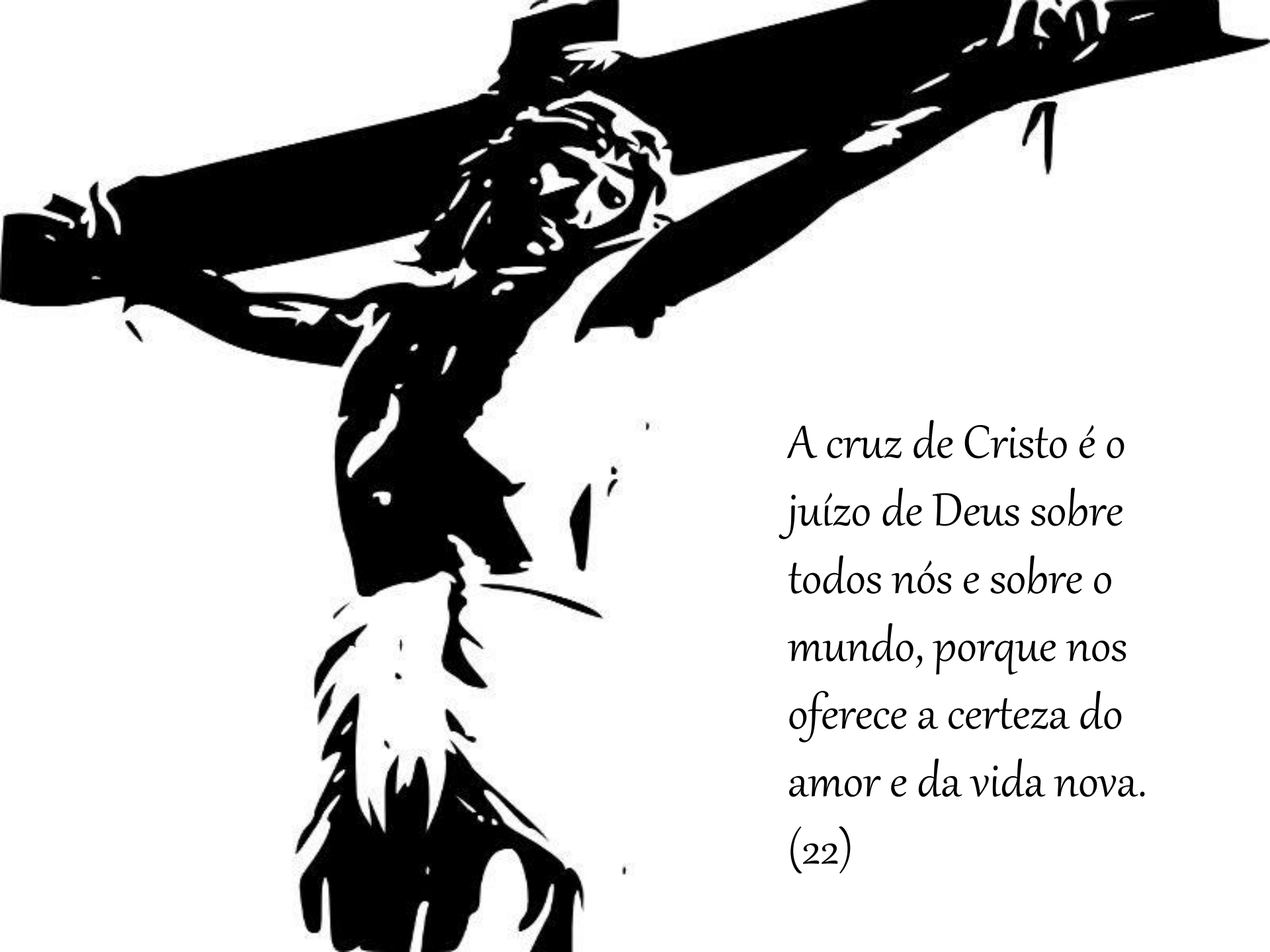
A misericórdia não é contrária à justiça,
mas exprime o comportamento de Deus
para com o pecador,
oferecendo-lhe uma nova possibilidade
de se arrepende, converter e acreditar.

**Se Deus se detivesse na justiça,
deixaria de ser Deus;
seria como todos os homens**

que clamam pelo respeito da lei.

A justiça por si só não é suficiente, e a experiência mostra que, limitando-se a apelar para ela, corre-se o risco de destruí-la. Deus com a misericórdia e o perdão passa além da justiça.

Isso não significa desvalorizar a justiça e torná-la supérflua. Deus não rejeita a justiça. Ele a engloba e a supera num evento maior chamado amor, que está na base da verdadeira justiça.



*A cruz de Cristo é o
juízo de Deus sobre
todos nós e sobre o
mundo, porque nos
oferece a certeza do
amor e da vida nova.*

(22)

O Jubileu inclui também a referência
à *indulgência*.

Esta, no Ano Santo da Misericórdia,
adquire uma relevância particular.

**O perdão de Deus para os nossos pecados
não conhece limites.**

**Deus está sempre disponível para o perdão,
não se cansando de oferecê-lo
de maneira sempre nova
e inesperada.**

No entanto todos nós fazemos experiência do pecado. Sabemos que somos chamados à perfeição (cf. *Mt 5,48*), mas sentimos fortemente o peso do pecado. Ao mesmo tempo que notamos o poder da graça que nos transforma, experimentamos também a força do pecado que nos condiciona.

Apesar do perdão,
carregamos na nossa vida as contradições
que são consequência dos nossos pecados.



No Sacramento da Reconciliação, Deus perdoa os pecados, que são verdadeiramente apagados; mas o cunho negativo que os pecados deixaram nos nossos comportamentos e pensamentos permanece. A misericórdia porém, é mais forte do que isso.

Ela se torna indulgência do Pai que, através da Esposa de Cristo, alcança o pecador perdoado e liberta-o de qualquer resíduo das consequências do pecado, habilitando-o a agir com caridade, a crescer no amor, em vez de recair no pecado.

A Igreja vive a comunhão dos Santos.

Na Eucaristia, esta comunhão, que é dom de Deus, realiza-se como união espiritual que nos une, a nós crentes, com os Santos e Beatos cujo número é incalculável (Ap 7,4).

A sua santidade vem em ajuda da nossa fragilidade, e assim a Mãe-Igreja, com a sua oração e a sua vida, é capaz de acudir à fraqueza de uns com a santidade de outros.

Portanto viver a indulgência no Ano Santo significa aproximar-se da misericórdia do Pai, com a certeza de que o seu perdão cobre toda a vida do crente.

A indulgência é experimentar a santidade da Igreja que participa em todos os benefícios da redenção de Cristo.

A misericórdia possui uma abrangência que ultrapassa as fronteiras da Igreja. **Ela relaciona-nos com o judaísmo e o islamismo, que a consideram um dos atributos mais marcantes de Deus.** Possa este Ano Jubilar, vivido na misericórdia, favorecer o encontro com estas religiões e com as **outras nobres tradições religiosas.**

O pensamento volta-se agora para a **Mãe da Misericórdia**. Ninguém, como Maria, conheceu a profundidade do mistério de Deus feito homem. Na sua vida, tudo foi plasmado pela presença da misericórdia feita carne.

A Mãe do Crucificado Ressuscitado entrou no santuário da misericórdia divina, porque participou intimamente no mistério do seu amor.

Escolhida para ser a Mãe do Filho de Deus, Maria foi preparada desde sempre, pelo amor do Pai, para ser **Arca da Aliança** entre Deus e os homens.



Ao pé da cruz,

Maria, juntamente com João,
o discípulo do amor,

é testemunha das palavras de perdão que
saem dos lábios de Jesus.

**O perdão supremo oferecido a quem o
crucificou, mostra-nos até onde pode
chegar a misericórdia de Deus.**



Nos Passos de Maria

“Salve Rainha, Mãe de misericórdia, vida e doçura, esperança nossa Salve! A vós bradamos, os degradados filhos de Eva; a vós suspiramos gemendo e chorando neste vale de lágrimas. Eia, pois, advogada nossa esses vossos olhos misericordiosos a nós volvei, e depois deste desterro mostrai-nos a Jesus, bendito fruto do vosso ventre, ó Clemente, ó Piedosa, ó Doce, sempre Virgem Maria. Rogai por nós, Santa Mãe de Deus, para que sejamos dignos das promessas de Cristo. Amém”

E a nossa oração estenda-se também a tantos Santos e Beatos que fizeram da misericórdia a sua missão vital.

Em particular, o pensamento volta-se para a grande apóstola da Misericórdia,

Santa Faustina Kowalska.



Será, portanto, um **Ano Santo extraordinário** para viver, na existência de cada dia, a misericórdia que o Pai, desde sempre, estende sobre nós.

Neste Jubileu, deixemo-nos surpreender por Deus..

A Igreja sente, fortemente, a urgência de anunciar a misericórdia de Deus.

Neste Ano Jubilar,
que a Igreja se faça eco da Palavra de Deus
que ressoa, forte e convincente,
como uma palavra e um gesto de perdão,
apoio, ajuda, amor.

Que ela nunca se canse de oferecer
misericórdia e seja sempre paciente a
confortar e perdoar.

“Vinde a mim todos os que estais cansados sob o peso do vosso fardo e eu vos darei descanso. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para as vossas almas. Pois o meu jugo é suave e meu peso é leve”.

Mt 11, 28-30





Apresentação elaborada pelo
Pe. Valter Goedert
Arquidiocese de Florianópolis/SC